



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ROMÁRIO FEITOSA BORGES

**ABORDAGEM DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO 5º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: QUAL O PAPEL DO PROFESSOR?**

ROMÁRIO FEITOSA BORGES

ABORDAGEM DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO 5ª ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: QUAL O PAPEL DO PROFESSOR?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI,
como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dra. Antônia Regina dos Santos Abreu
Alves

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

B732a Borges, Romário Feitosa
Abordagem das questões étnico-raciais no 5º ano do ensino fundamental:
qual o papel do professor?./ Romário Feitosa Borges. – 2024.
47 f.

1 Arquivo em PDF
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do
Piauí, Picos, Curso de Licenciatura em Pedagogia, 2024.
"Orientação: Profa. Dra. Antônio Regina dos Santos Abreu Alves

1. Educação antirracista. 2. Racismo-ensino fundamental. 3. Práticas
pedagógicas. I. Borges, Romário Feitosa. II. Alves, Antônio Regina A. dos
Santos. III. Título.

CDD 372.190981

ROMÁRIO FEITOSA BORGES

ABORDAGEM DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO 5ª ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL: QUAL O PAPEL DO PROFESSOR?

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, como
requisito para a obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Monografia aprovada em: ____/____/____ Nota: ____

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ANTONIA REGINA DOS SANTOS ABREU ALVES**
Data: 09/04/2025 14:03:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Antônia Regina dos Santos Abreu Alves – Orientadora Universidade Federal do
Piauí – UFPI

Documento assinado digitalmente
 **MARIA DA CONCEICAO RODRIGUES MARTINS**
Data: 26/03/2025 19:45:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Maria Da Conceição Rodrigues Martins. – 1º Examinador Universidade Federal do
Piauí – UFPI

Documento assinado digitalmente
 **ROMILDO DE CASTRO ARAUJO**
Data: 14/04/2025 14:35:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Romildo De Castro Araújo. 2º Examinador Universidade Federal do Piauí - UFPI

PICOS-PI
2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por ter me acompanhada por toda essa jornada árdua, que em vários momentos me deu forças para prosseguir em frente sem desistir dos meus sonhos, e com minha fé conseguir atingir todos os meus objetivos.

A minha mãe e meu pai, quando estavam passando por uma crise familiar, nunca deixaram de me apoiar e incentivar meus estudos, para que um dia eu possa lhe dar mais orgulho por ter um filho formado na família. E é claro em especialmente a minha mãe por ter me ajudado financeiramente os preparativos da formatura.

A Ítalo meu companheiro, pois sempre está do meu lado me apoiando e ajudando no que pode, e é claro graças a ele, foi uns dos meus maiores incentivos para voltar a estudar.

Agradecer a os meus dois irmãos, Danieli e Roniel, por todo o apoio no meu processo de graduação.

A minha amada panelinha, Andressa, Flavia, Gloria, Isaura, Layane e Leylyanne. Posso afirmar que grande parte da minha jornada consegui chegar onde estrou graças a elas. Jamais as esquecerei.

Agradeço também a minha orientadora e professora Regina Abreu por todos os ensinamentos na construção do trabalho, uma excelente professora, logo me chamou a atenção pra ser minha orientadora por suas aulas cativantes e dinâmicas, e o seu jeito extrovertido, alegre, meigo de lhe dar com todos os seus alunos.

Esse trabalho é apenas um encerramento de um ciclo de muitas aprendizagens, saberes, experiências que aprendi ao decorrer de todo o curso, mas também é um ponta pé inicial para uma nova jornada em minha vida, onde poderei repassar tudo o que aprendi ao decorrer desses anos, para os meus alunos em sala de aula. Por isso sou grato a Universidade Federal do Piauí – Campus de Picos-PI por todo o acolhimento durante a minha formação acadêmica.

RESUMO

O trabalho de pesquisa em questão, corresponde a uma monografia que tem como título: **ABORDAGEM DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: QUAL O PAPEL DO PROFESSOR?** Em nossas experiências nas disciplinas de estagio supervisionado II, III e IIV surgiram algumas inquietações em relação ao tema proposto, mas foi com a disciplina de Relações Etno-raciais na Educação que surgiram diversas ideias para justificar esse estudo, pela a falta de práticas pedagógicas que abordem a figura negra nas salas de aulas do 5º ano do ensino fundamental, e tendo o professor com o principal papel em elaborar tai praticas para serem desenvolvidas no âmbito educacional. Com isso essa pesquisa volta o olhar para as práticas pedagógicas nas salas do 5º ano do ensino fundamental e como o professor pode contribuir para que haja uma educação antirracista dentro e fora da escola, tendo como objetivo geral de analisar as questões etno-raciais nas práticas pedagógicas com o intuito de explorar e uma educação antirracista nas escolas de ensino fundamental do país, ainda, com os objetivos específicos de: construir praticas pedagógicas no âmbito escolar para o combate ao racismo; analisar como se dá a abordagem das escolas perante a temática das relações étnico-raciais; discutir o papel e a abordagem do professor perante a determinadas situações envolvendo racismo ou discriminação dentro e fora de sala de aula. Apresentamos na pesquisa a questão de qual seria os métodos e postura que o professor deve ter diante problemáticas vivenciadas dentro de sala de aula, escolhemos como metodologia a abordagem qualitativa por base de uma pesquisa bibliográfica com professores do 5º ano das redes públicas e privadas do município de Picos-PI. Para a análise de dados definimos como base autores como Cavalleiro (2001); Pessanha (2003); Sousa (2001); Gomes (2005); Silva (2001); Munanga (2006). Ao final da pesquisa conseguimos alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, a grande importância do trabalho pedagógico que o professor deve fazer para o combate a discriminação racial dentro do âmbito escolar.

Palavras-chaves: Étnico-raciais; Educação antirracista; Praticas pedagógicas.

ABSTRACT

The research work in question corresponds to a monograph entitled: APPROACHING ETHNIC-RACIAL ISSUES IN THE 5TH YEAR OF ELEMENTARY EDUCATION: WHAT IS THE ROLE OF THE TEACHER? In our experiences in the supervised internship disciplines II, III and IIV, some concerns arose in relation to the proposed theme, but it was with the discipline of Ethin-racial Relations in Education that several ideas emerged to justify this study, due to the lack of pedagogical practices that address the black figure in the 5th year of elementary school classrooms, with the teacher having the main role in developing such practices to be developed in the educational context. Therefore, this research looks back at pedagogical practices in 5th year elementary school classrooms and how the teacher can contribute to anti-racist education inside and outside the school, with the general objective of analyzing ethnic-racial issues in practices. pedagogical activities with the aim of exploring anti-racist education in the country's primary schools, also with the specific objectives of: building pedagogical practices in the school environment to combat racism; analyze how schools approach the issue of ethnic-racial relations; discuss the teacher's role and approach to certain situations involving racism or discrimination inside and outside the classroom. In the research, we presented the question of what would be the methods and attitude that the teacher should have when faced with problems experienced within the classroom, we chose as a methodology the qualitative approach based on a bibliographical research with 5th year teachers from public and private networks in the city, from Picos-PI. For data analysis, we defined authors such as Cavalleiro (2001); Pessanha (2003); Sousa (2001); Gomes (2005); Silva (2001); Munanga (2006). At the end of the research we were able to achieve the objectives proposed in this research, the great importance of the pedagogical work that the teacher must do to combat racial discrimination within the school environment.

Keywords: Ethnic-racial; Anti-racist education; Pedagogical practices

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	8
2-REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 Conceito de Racismo e seus Subprodutos	12
2.2 Discutindo sobre Legislação referente a temática Racial.....	16
2.3 Currículo e Escola, as estratégias do Professor perante o Racismo.....	19
3- PERCURSO METODOLÓGICO	24
3.1 Instrumento da Pesquisa	25
3.2 Participantes da Pesquisa	26
4- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6 - REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	47

1 INTRODUÇÃO

O problema do racismo no Brasil, é considerado um reflexo de todo processo de escravidão que ocorreu ao longo de 300 anos na história do nosso país, resultando assim na construção social de um país explicitamente racista. Assim, o contexto social brasileiro, que, historicamente, enfrenta tantos problemas relacionados à discriminação racial e preconceitos raciais, apresenta em alguns âmbitos de forma mais direta, como é o caso da escola.

Vivemos em uma sociedade heterogênea, sendo que o Brasil é colocado como um país miscigenado, construído por diversas culturas, crenças, religiões, costumes e raças. Ao longo da história, a população negra, em sua grande maioria, não possuía acesso à educação por diversos fatores, pois além de serem pobres, e vir desse período de escravidão ocorrido no país, não possuíam acesso a tais locais pela sua própria cor da pele, remontando assim um racismo histórico que se perdura até aos dias atuais em nossa sociedade.

Dessa forma, o papel do professor na elaboração de práticas pedagógicas no combate ao racismo dentro das instituições de ensino, é de extrema importância para enfrentamento desse problema social, fazendo com que desde os primeiros passos em que o indivíduo se insira na sociedade seja promovendo o respeito, a diversidade e igualdade racial.

Com isso, notamos o quão grande é a diversidade encontrada no ambiente escolar, sendo que a escola é um local onde encontra-se diferentes realidades e problemáticas a serem observadas pelo docente em seu cotidiano de ensino. É na escola que a criança vai ter o seu primeiro contato com essa diversidade, por ser um ambiente de aprendizado, é o local em que o professor deve trabalhar as questões a qual deva abordar e combater o preconceito, discriminação e o racismo, amparado pela lei 10.639/03 em que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, revendo dessa maneira, a abordagem, o currículo e o próprio conteúdo a ser trabalhado com os alunos.

Em nossas experiências no Curso de Pedagogia, durante o período do Estágio Supervisionado II, III e IV, em escolas públicas da cidade de Picos-PI, nos momentos de observações, notamos a falta de trabalhos pedagógicos voltados a representatividade negra nas salas de aula no ensino infantil e fundamental. Esse contato despertou-nos um interesse pela problemática, ao observar que não era trabalhado com as crianças, nem construído junto aos conteúdos já pré-estabelecidos perante o currículo fornecido as escolas.

Durante as experiências de estágio, presenciamos diversas situações de preconceito de uma maneira velada, que podem ser passadas despercebidas por qualquer um, mas por olhares

mais atentos como do professor em sala de aula, devem ser tratadas imediatamente. Uma delas, foi na educação infantil em que uma menina de aproximadamente 4 anos, pegou uma escova de cabelo de brinquedo e disse que não iria pentear o cabelo da colega de sala de mesma idade, pois considerava o cabelo “duro” e não conseguiria realizar tal ato com a colega de turma. No momento ficamos sem reação, mas posteriormente percebemos que não importa a idade, deve sim ser trabalhado a temática com crianças bem pequenas.

Explicamos a menina que cada pessoa tem suas diferenças, com sua própria beleza, e que graça teria o mundo se fossemos todos iguais. Em outro momento, nos deparamos com outro episódio, desta vez no primeiro ano do ensino fundamental, em que estávamos dando uma aula sobre contos de fadas conhecidos, e propomos a turma que fizéssemos uma peça teatral envolvendo toda a turma na atividade.

Uma menina negra se colocou à disposição e o contentamento para ser a princesa da peça teatral, acabando assim sendo contrariada pelas demais colegas em explanarem a condição por ela não ser a mais indicada para o papel. Perguntamos o motivo por ela não poder ser a princesa, e a resposta foi praticamente unanime, por que ela é “negra” e as princesas como a Cinderela são loiras. Isto acabou nos afetando muito, de uma forma que ficamos praticamente de mão atadas para reverter o grande problema que existia dentro daquele ambiente de ensino, claro que isso não era culpa das crianças, mas sim de uma sociedade construída e moldada desde cedo a terem esse estereótipo de que só mulheres brancas e loiras podem se tornar ou serem princesas de contos de fadas.

Com isso podemos destacar, que quando não abordamos a importância e construção das diversas raças e etnias que existem em nossa sociedade, acabamos dando lugar ao preconceito e discriminação, acarretando assim a desvalorização de pessoas negras e inferiorização destas perante a sociedade presente.

Em outro momento, o qual nos chamou bastante atenção, foi na disciplina de Relações Étnico-Raciais, no oitavo período do curso de Pedagogia, ministrado pela professora Dra. Antônia Regina dos Santos Abreu Alves, despertando ainda mais o interesse na problemática, buscando sempre em cada aula, trabalhar propostas de aulas pedagógicas de forma lúdica e que despertasse o interesse dos alunos para a abordagem do tema racial dentro de sala de aula.

Contexto que nos levou a pensar se há o desenvolvimento de práticas pedagógicas dentro das salas de aula para abordar as relações étnico- raciais. Por outro lado, notamos que de costumes escolas só abordam temáticas raciais, em datas comemorativas como o “Dia da Consciência Negra” 20 de novembro, tratando assim como apenas determinado dia a ser trabalhados e exaltados os conceitos e diversidade de matiz africana, tirando assim o verdadeiro

objetivo de trabalhar o tema como os alunos ao decorrer de todo o ano letivo nas instituições de ensino. Dessa maneira, podemos compreender que é necessário que os professores, como também todo corpo docente escolar elabore ações que abordem a representatividade negra e uma educação antirracista.

Inferimos, assim, a grande importância de trabalhar temas voltados a cultura afro-brasileira nas escolas, não só históricas, mas também atuais, que de certa forma aguce a curiosidade e desperte o encanto por essa cultura tão vasta e rica que temos em nosso país. Segundo Silva (2012), a promulgação da lei 10.639/03 propôs alteração na LDB de 1996, em que passou a ser obrigatória para todas as esferas de ensino, em todo o território nacional, tanto público ou privado, o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Justificamos essa pesquisa tendo em vista que o Brasil ao longo de sua história foi-se moldando através de diversas etnias e culturas distintas presentes ao longo dos anos, montando assim uma população predominantemente heterogênea e miscigenada. A maior parte da população brasileira é considerada mestiça, sendo um país historicamente e socialmente construído nesta miscigenação, este povo ainda hoje sofre com diversos tipos de discriminação e preconceitos. Este estudo visa como uma contribuição para que o professor possa refletir e idealizar formas de desenvolvimento de atividade e práticas que possam amenizar situações de discriminação em sala de aula e conscientizar alunos do ensino fundamental, para promover a valorização e contribuição a representatividade negra no país.

Apresentamos como objetivo geral: Analisar práticas pedagógicas de uma educação antirracista nas escolas de ensino fundamental. Propomos como objetivos específicos: Descrever práticas pedagógicas no âmbito escolar para o combate ao racismo; Identificar como se dá a abordagem das escolas com a temática das relações étnico-raciais; Discutir o postura do professor perante a determinadas situações envolvendo racismo ou discriminação dentro e fora de sala de aula.

Metodologicamente, optou-se nessa monográfica por uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de identificar a fragmentação do trabalho pedagógico diante casos de racismo nas escolas tendo o professor como papel de grande importância neste processo. Se tratando de uma pesquisa qualitativa, buscamos não apenas buscar resultados e o produto, mas sim todo o processo que corrobora para as questões a serem debatidas.

O nosso trabalho esta dividido em 5 seções: sendo a primeira a introdução, que nos mostra a ideia central do trabalho e explicamos sobre a estrutura dessa pesquisa, que acaba fornecendo ao leitor uma visão atrativa da leitura e a compreensão desse estudo.

Logo em seguida temos o referencial teórico, que nos traz as contribuições dos autores na parte teórica sobre a temática, composto por três subseções: Conceito de Racismo e seus Subprodutos, discutindo sobre Legislação referente a temática Racial e Currículo e Escola, as estratégias do Professor perante o Racismo. Na primeira subseção enfatizamos a conceituação do racismo com suas origens até os dias atuais em nossa sociedade brasileira, relatando como tal problemática ainda se encontra presente mesmo com a chamada sociedade democrática a qual vivemos.

Em outra subseção apresentamos os marcos legais que ocorreram em nosso país, como a Lei 10.639/03 e 11.645/08 que instituíram a importância da obrigatoriedade do ensino de história da África, como também a cultura afro-brasileira e etnias indígenas no ensino fundamental e médio, diante da resolução que institui tais temáticas no âmbito escolar.

Na última subseção enfatizamos o poder que o currículo tem no ambiente escolar, destacando o grande papel que o professor traspasa para seus alunos em relação ao combate a discriminação racial dentro do âmbito escolar.

A próxima seção dessa monografia corresponde a metodologia explicando quais técnicas foram utilizadas para a realização da mesma sendo dividido em duas subseções, sendo a primeira os instrumentos utilizados e a segunda a caracterização dos participantes da pesquisa.

Na seção seguinte, explicitaremos a análise dos dados, apresentando todos os resultados e discussões a cerca dos dados da pesquisa, tendo o foco nas adversidades enfrentadas pelo professor em lidar com o racismo e o despreparo para o combate do mesmo.

Também há uma última seção que são as considerações finais que exclama como as relações étnico-raciais acaba não sendo abordada dentro da escola, mas em contraponto não é uma temática extinta. Notamos como grande parte dos professores, obtinham uma concepção rasa do que seria o racismo, e a dificuldade em implementar a temática dentro dos conteúdos já definidos no currículo escolar.

Por fim, esperamos que este trabalho venha a acrescentar a grande importância que o educador obtém em trabalhar as questões étnico-raciais dentro de sala de aula, e obter uma postura determinante diante algum caso de racismo que ocorra eventualmente em sua trajetória profissional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para apoiar nossa pesquisa, buscamos contribuições teóricas, pois é importante destacar que interpor na educação básica uma educação que envolva a cultura e ancestralidade africana, e de suma importância para construção da figura negra com base em suas raízes, costumes, crenças e remontando a importância de uma composição socialmente voltada para a irradicação dos preconceitos presente em nossa sociedade. Quando se introduz uma educação voltada a ancestralidade africana dentro do âmbito de ensino, acabamos cooperando para uma educação antirracista e formando cidadãos que se comprometam para o combate à os diversos tipos de discriminações presente em nosso cotidiano.

2.1 CONCEITO DE RACISMO E SEUS SUBPRODUTOS

Podemos ver o racismo como uma ideologia ou prática. Notamos que enquanto prática está presente desde o Brasil colônia, durante o período escravista os negos não eram considerados seres humanos, mas sim um determinado objeto que poderia ser trocado, vendido ou feito o que bem quisesse pela massa que constituía a burguesia no período colonial. Já em questão de ideologia, o racismo foi construído a partir da imagem monstruosa que foi formada pela própria sociedade, em que o povo negro se caracterizava em seres feios, mal arrumadas, preguiçosas, que não possuem nenhum tipo de cultura, religião, costumes e que acima de tudo, em pensar que sua cor de pele seria algo considerado impuro, em contrapartida a cor branca seria algo puro.

Os europeus naquele período, ao se encontrar com os povos negros ficaram curiosos com a forma de como viviam, seus costumes e crenças, e sobre tudo suas características físicas como, cor da pele, cabelo, nariz, boca e a falta do cristianismo que era considerada a religião predominante europeia naquele período histórico. A partir dessa concepção em que a Europa se posicionou perante ao primeiro contato que tiveram com os povos negros, se construiu a imagem que até hoje nas tradições oral europeia, se caracterizaram ao redor do mundo.

[...] a cor mais ou menos escura da pele o estado crespo do cabelo e a inferioridade intelectual e social são frequentemente associadas a pele mais ou menos clara, o cabelo liso e o rosto ortognados são atribuídos ordinários dos povos mais elevados na série humana. Jamais um povo de pele escura, cabelo crespo e rosto prógnato poderá eleva-se espontaneamente a uma civilização (MUNANGA, 1984, p.43).

Os negros eram tratados como seres-homens e seres-animais, por muitos séculos este povo tinha suas características e a construção de anatomias fantasiosas que extrapolavam a imaginação nas pessoas. No século XIX um cientista chamado Paul Broca, fez sua teoria que o negro possuía um pênis consideravelmente grande, e as mulheres brancas uma vagina pequena e estreita, dessa maneira era inviável haver relações sexuais entre as raças. Contudo devemos destacar que as teorias apresentadas sobre características do povo negro são consideradas discriminação racial.

No século XVI e XVII, com a doutrinação do cristianismo que acabou contribuindo na afirmação que o homem não precisava ter receio ou medo da escravidão vinda do homem pelo homem. Foi assim de certa forma justificada a escravidão como uma maneira de combate as forças do mal, e dando suporte construíram navios que eram traziam de forma desumana vindos da África, como mero produtos a serem comercializados no país. Para predominar a ideologia do cristianismo, foram construídas capelas para batizarem contra a vontade os escravos, desrespeitando qualquer tipo de crença ou religião já construídas por esse povo.

Percebemos que os povos africanos eram considerados selvagens e bárbaros, dessa maneira sendo incapazes de desenvolver qualquer tipo de indústria e nem arte. Com isso, colocava-se o povo negro com pouca ou nenhuma capacidade intelectual, e vendo isso em nossa sociedade atual, percebemos que muita coisa ainda está enraizada desde o período do colonialismo. O Brasil é um país cheio de culturas, costumes e crenças, com nossa descendência nos índios, brancos e negros africanos, notamos que trazemos desde cedo uma bagagem em nossas vidas a respeito desses povos, mas conseqüentemente o racismo vem junto com tudo isso. Ainda hoje vemos que a população negra é hostilizada e impedida de praticar e cultivar seus costumes e crenças em nossa sociedade.

Segundo Munanga e Gomes (2005), “O racismo é um comportamento, uma ação resultado de aversão, por vezes do ódio, em relação a pessoa que possui um percentual racial observável por meios de sinais tais como: cor da pele, cabelo e etc.”, o que causa muito sofrimento para as pessoas que enfrentam esta situação, sobretudo, quando pensamos em crianças que enfrentam tantos sofrimentos na escola devido passarem por situações constrangedoras.

Em nosso país, segundo Munanga; Gomes (2005), o racismo se divide em dois subprodutos:

- **Preconceito Racial** que está mais voltado para o julgamento negativo que é colocado com antecipação, a qual o indivíduo faz a pessoas que são consideradas diferentes e/ou grupos raciais distintos.

- **Discriminação Racial** que tem seu significado voltado ao racismo na prática, ou seja, o preconceito seria a teoria e a discriminação colocar em prática.

Notamos que hoje existe um racismo camuflado presente na sociedade, pois as pessoas não gostam de admitir que sejam preconceituosas por haver a caracterização de crime nos dias atuais. Apesar de sempre estarem em negação a respeito, temos diversos exemplos perceptivos em que, para algumas pessoas passam despercebidas por ouvidos menos atentos. Um exemplo são as piadas com teor racista.

O indivíduo preconceituoso é aquele que se fecha em uma determinada opinião, deixando de aceitar o outro lado dos fatos. É uma posição dogmática e sectária que impede aos indivíduos a necessária e permanente abertura ao conhecimento mais aprofundado da questão o que poderia leva-los a reavaliações de suas posições (BERNARD, 1994).

Ainda hoje, percebemos que pessoas negras que são encontradas dirigindo veículos de alto poder aquisitivo, são considerados “os motoristas” que trabalhe levando alguém ao seu destino, e não como proprietário. Como também, homens e mulheres negros arquitetos, advogados, médicos entre outros cargos elevados na sociedade, que se caso entrarem em algum estabelecimento em determinada situação do cotidiano, não são devidamente atendidas por haver um prejulgamento simplesmente por sua cor da pele.

Esta compreensão se dá, porque ainda existe o estigma que o negro é considerado uma raça inferior, dessa maneira, jamais poderia crescer em questões de adquirir bens materiais e ocupar posições sociais de prestígio, configurando a ideia central de nossa sociedade capitalista. De acordo com Felipe e Teruya (2010, p. 55), “vivemos em uma sociedade em que a cor constitui-se como poderoso mecanismo de estratificação social, pelo qual os afrodescendentes negros são segregados no acesso de bens de toda ordem, tendo limitados os seus direitos de cidadania”.

É preciso que haja um certo entendimento de como o Brasil foi construído socialmente, politicamente e economicamente. E com essa estrutura percebemos que a classe mais favorecida foi a burguesia, desde os primórdios da formação da sociedade brasileira, sendo representada absolutamente pelos brancos, marginalizando assim os negros que não eram tratados como seres humanos, mas como objetos ou até mesmo como animais. Segundo o filósofo ROUSSEAU (1958), “O ser humano nasce bom, e a sociedade o corrompe”. Isto nos leva a refletir que as ações do ser humano são nada mais nada menos que o reflexo do meio em que o indivíduo se constrói e vive. Pois no período da infância não notamos os valores socio culturais, não sabemos nada relacionado a preconceitos e outras formas de discriminações, mas à medida que vamos crescendo e adquirindo a consciência das normas e valores positivos e

negativos que compõe a sociedade, tomamos nossos próprios posicionamentos perante a fatores que levam a determinadas situações em nosso meio.

Neste processo de crescimento, acabamos sendo influenciados pelas pessoas e o meio social a qual estamos inseridos, e no caminho acabamos tendo uma concepção negativa voltada as diferentes gerações pertencentes ao nosso país, sendo ela a diversidade cultural representadas não só pela cor da pele, mas também nossas origens e religiões. Podemos destacar que através de ações que primeiramente são colocadas na escola, possa trazer uma reflexão acerca do que pode ser feito em relação ao racismo. Com isso, pode ser construído uma sociedade, moldada pelo amor e respeito a diversidade existe em nosso país, e dessa forma influenciando a aprendizagem e conhecimento sobre várias formas de vida, crenças e costumes de cada povo.

Podemos afirmar que o racismo de hoje é diferente do racismo do passado, tendo em vista que os negros detêm de outra condição de vida, ou seja, não sendo mais considerados escravos e tratados como mercadoria de uma pessoa. Assim, o racismo sendo considerado uma prática nociva, é algo atual, o negro de certa maneira ainda é tratado de maneira inferior, e sendo atacado em diversos meios como ambientes sociais, escolares ou também através de determinadas situações de discriminação racial.

Acaba tornando-se algo comum presente em nossa sociedade pessoas sofrerem algum tipo de preconceito, e constituindo-se em algo normalizado perante a os olhos das pessoas. Tendo isso em vista, para desestruturar essa problemática podemos utilizar muitas estratégias, uma delas seria a musica para combater o mesmo, dessa maneira, pegando como base a luta contra o preconceito com a musica intitulada “Lavagem cerebral” do cantor Gabriel O pensador, nos demonstra uma realidade critica sobre uma visão existente em nossa sociedade, e proporcionando um trabalho de desconstrução do preconceito até mesmo nas crianças.

Trecho da Música: Lavagem cerebral

O racismo é burrice

Mas o mais burro não é o racista

É o que pensa que o racismo não existe

O pior cego é o que não quer ver

E o racista está dentro de você

Porque o racista na verdade é um tremendo babaca

Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca

E desde sempre não para prá pensar

Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar

E de pai pra filho o racismo passa
 Em forma de piadas que teriam bem mais graça
 Se não fossem o retrato da nossa ignorância
 Transmitindo a discriminação desde a infância
 E o que as crianças aprendem brincando
 É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando
 Qualquer tipo de racismo não se justifica
 Ninguém explica
 Precisamos da lavagem cerebral para acabar com esse lixo que é uma herança cultural...
 (GRABRIEL, O pensador).

2.2 DISCUTINDO SOBRE LEGISLAÇÃO REFERENTE À TEMÁTICA RACIAL

O Brasil é considerado uma nação em constante desenvolvimento no mundo, com sua população contendo uma vasta variedade étnica, sendo um país multiétnico. No período do colonialismo, Império e República, foi um dos percussores por dar início a esse estigma de discriminação e racismo que se perdura até hoje. O Decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854 (BRASIL, 2006), que manifestava de hipótese nenhuma seria admitido escravos nas escolas públicas, sendo que adultos negros só poderiam ser acompanhados se o professor estivesse com disponibilidade para ensinar este povo. O Decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, (BRASIL, 2004), estabelecia que essa população só poderia estudar em horários que fosse noturno, dificultando mais ainda a entrada dessas pessoas a o âmbito educacional.

Como já mencionado anteriormente, a educação no Brasil não foi fácil, e para chegar a todas as pessoas do país, enfrentou diversas dificuldades sendo que ainda hoje, continuamos a enfrentar esta tarefa árdua e de longo prazo. Segundo Teixeira:

[...] construção histórica da educação brasileira como uma grande estrada que tende a um horizonte infinito e que nesta longa travessia muitos foram e vão ficando para trás, gradativamente perdendo-se na poeira do passado. É uma imagem forte, mas bastante esclarecedora. (TEIXEIRA, 2015, p. 61).

Muitas pessoas que ficaram para trás no processo educacional deste país, foram em sua grande maioria a população negra e pobres que sofreram exclusão no contexto histórico da época, neste período as pessoas acreditavam, que “[...] a saída para os filhos dos pobres não seria a educação, mas a sua transformação em cidadãos úteis e

produtivos na lavoura, enquanto os filhos de uma pequena elite eram ensinados por professores particulares” (PRIORE, 1999, apud VEIGA, 2008, p. 503).

Atualmente a educação no Brasil, é orientada pela a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Essa lei corresponde a garantia a todos os indivíduos ao direito a educação e permanência na escola, como também o dever do Estado brasileiro de acordo com a Constituição Federal de 1988. Segundo Silva (2012), a promulgação da Lei 10.639/03 foi proposto que houvesse uma modificação na LDB de 1996. Desde modo, como a implantação dessa nova lei o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana começou a ser considerado obrigatória para todas as esferas de ensino, tanto em instituições públicas como em redes privadas em todo o país.

A partir de tais modificações que aconteceram devido a Lei 10.639/03 ocorreram as mudanças sob as novas diretrizes da educação, dessa maneira foi estabelecido as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana”. Esse documento anunciado em apoio às instituições de ensino, tem como objetivo fornecer apoio educacional público e privado, com o intuito de fornecer um suporte ao ensino de História e Cultura Afro-brasileira em todo o território nacional. O documento foi elaborado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e acabou ficando conhecido como a Resolução CP/CNE nº 1, de 17 de junho de 2004. No texto das diretrizes é colocado como um objetivo favorecer a história dos negros no Brasil.

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, a demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe a divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que educam cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial descendente de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (BRASIL, 2004. p. 6).

Essa lei garantiu a toda população negra o direito a uma educação de qualidade, com também acesso e permanência nas escolas, com o intuito de que todos pudessem ter a possibilidade de conhecerem sua própria história. É apresentado também neste documento, a preocupação de fornecer uma formação de qualidades para os professores, pois é claro que é através do trabalho sobre essa temática, que poderá ter-se uma educação rica e de qualidade que

tenha seu determinado valor e respeito a história dos brasileiros quem tenham sua descendência dos povos africanos.

O documento das Diretrizes para a Educação de Relação Étnico-raciais, é proposto que cabe ao Estado esse processo para todo povo brasileiro, o reparo histórico e elaboração de políticas públicas voltadas para a população negra do Brasil, dessa maneira garantindo o acesso e permanência na escola, buscando assim o desenvolvimento social e gerando respeito as diferenças de um indivíduo ou grupo.

A Lei 10.639/03 tem como objetivo buscar a valorização da história negra e de suas ancestralidades, tomando como um pontapé muito importante para todo o Brasil, dando possibilidades de que aja uma reparação históricas para toda população negra no país. Porém, vemos que há uma certa dificuldade em apenas uma lei garantir determinado feito, pois a sociedade foi construída tendo como exemplo esses 300 anos de escravidão no Brasil, como foi nos ensinado dentro de sala de aula.

Dessa maneira, para ajudar e agregar nas práticas educacionais dos professores nas escolas. O Ministério da Educação (MEC) em comunhão a outros Ministérios e Secretarias, produziram matérias de cunho pedagógico, para o professor ter um embasamento teórico que ajude em seus planejamentos e trabalhos dentro de sala de aula, para assim ocorrer a valorização das Relações Étnico-raciais no país.

Podemos notar que a escola da atualidade, no contexto educacional, apresenta-se como um local em que diversas situações de racismo e preconceito estão presentes. Em suas relações de práticas diárias, nas relações entre alunos e até mesmo entre professor- aluno. Podemos destacar que o Brasil é um país racista, e que os professores em grande parte muitas vezes, não tem o seu devido preparo com tais questões envolvendo as Relações Étnico-raciais, sendo que são a base na construção dos indivíduos na sociedade brasileira.

De acordo com o documento “Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais” (2006), a escola é considerada como um ambiente de conflitos e contradições, mas também, o mesmo é dado como um local de aprendizagem, de trocas de experiências e a valorização dos diferentes saberes entre os indivíduos presentes neste processo de ensino aprendizagem. Sabemos que a criança chega à escola, não como uma folha branca a espera para ser preenchida, ou uma taboa rasa sem nenhum conteúdo ou vivencia a ser compartilhada com os outros. Podemos salientar que a escola com toda sua metodologia contribui para a construção de novos conhecimentos valorizando neste processo cada vez mais o ensino, de maneira que a escola seja um ambiente para debates e aprendizagens de diversas culturas.

A escola propõe como um de seus principais objetivos a formação e preparo do indivíduo para ser livre de preconceitos. Dessa maneira, Silva (2010) nos mostra o ambiente escolar como “a escola, enquanto espaço de conhecimento e sociabilidade das pessoas, é uma das instituições que podem contribuir para a desconstrução do discurso racista e para o estudo da história e cultura de nossos ancestrais africanos. (SILVA, 2010. P. 151).

Entretanto, para que haja uma ação a qual a escola assuma o importante papel de formação de um indivíduo sem racismo e preconceito, é de grande importância e relevância que a mesma construa um currículo voltado pela legislação que conduz o ensino das Relações Étnico-Raciais no Brasil.

2.3 CURRÍCULO E ESCOLA, AS ESTRATEGIAS DO PROFESSOR PERANTE O RACISMO.

Para Silva (2012), as Diretrizes do ensino no Brasil, ajudou a consolidação de um currículo que abordasse ambos os lados da história, tanto a versão Europeia como já é de costume ensinado nas escolas, como também a presença dos negros na construção histórica do nosso país. Podemos notar que o currículo nas escolas por muito tempo sempre mostrou os negros como um povo vindo da África, sendo hostilizado, massacrado e usados como objetos por séculos pela sociedade brasileira.

Dessa maneira, foi-se construindo uma imagem estereotipada de como os negros são perante a sociedade, enraizando um racismo que de certa forma, aprofundou suas raízes bem fundo na concepção de várias pessoas. Entretanto, para o combate a essa problemática, o currículo nas escolas não explorou os verdadeiros valores deste povo, sua cultura rica em matrizes africanas, mas com sua mistura com o Brasil, trazia um sabor a mais nos costumes, crenças, comidas, folclore, danças e valores a serem explorados pelos alunos em suas disciplinas corriqueiras nas instituições de ensino. Dessa forma Silva (2012) define currículo como:

O currículo é um artefato socioeducacional e cultural que seleciona/regula os conhecimentos que devem ser compartilhados (currículo explícito), mas essas escolhas, perpassando por conexões de saber, poder e identidade, extrapolam os limites dos conteúdos e atividades curriculares e interferem na configuração dos conteúdos e atividades curriculares e interferem na configuração das sociedades; é, portanto, algo que tem reflexos para além dos limites do espaço físico escolar. Destaco que o currículo é perpassado por questões de saber, poder e identidade, pois, considero, assim como Macedo (2008), Apple (1997) que o tipo de conhecimento considerado importante no currículo varia segundo o tipo de sociedade que se quer construir. (SILVA, 2012. p. 111-112).

Podemos notar que tais questões envolvendo o currículo, não são concepções fáceis, mas algo complexo e difícil de se construir. Por muito tempo, tinham como objetivo ensinar uma forma equivocada desde tema debatido, modificando a os conteúdos e a forma de ensinar a os alunos, os dois lados da história, e até então temos que lembrar que o por muitos anos o poder de fala dos negros era negado perante a sociedade brasileira, dessa forma negando sua própria história.

Devemos reconhecer que, mesmo ainda sendo uma questão recente, estão se modificando ao longo doas anos, e sendo levantas com muito mais frequência nos ambientes escolares. Dessa maneira, o professor junto a escola, tem um papel fundamental em fortalecer os objetivos da Lei 10.639/03, e que cada vez mais nesses espaços, os alunos negros adquiram o seu empoderamento para assim poder enfrentar diversas questões envolvendo a sua verdadeira história.

Nos currículos escolares podemos notar, a grande ausência de conteúdos que abordam a história e cultura dos povos africanos, fazendo uma relação com o sistema escravista social da época. Há um tempo atrás não era estabelecido no currículo escolar a cultura afro-brasileira, tanto nas escolas públicas como privadas, por conta que o negro ser considerado um povo que não possui cultura, com nenhum valor a ser agregado para a sociedade. Isso acaba de certa forma contribuindo para o crescimento do racismo no próprio âmbito escolar.

O Brasil ainda hoje é um país que se estabelecem diversos tipos de preconceitos, e consequentemente o racismo se torna cada vez mais forte atualmente. Grande parte dos professores não possui preparação para enfrentar esse mal em sala de aula, devido por não haver um determinado embasamento para lidar e enfrentar situações preconceituosas, tanto de forma direta ou indireta dentro de sala de aula, pois segundo Vergulino et. al. (2012), aborda alguns problemas, dentre eles o currículo dos cursos de formação de professores, destacado que:

Infelizmente nos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, percebe-se muitas resistências sobre a inclusão da temática sobre a África e as questões da cultura afro-brasileira no ensino. Na maioria das grades curriculares dos cursos de graduação da educação, a África e as questões raciais brasileiras continuam invisíveis. (VERGULINO Et. Al., 2012, p. 8).

O professor possui um papel de grande importância em sua sala de aula, pois ele além de repassar seu conhecimento a seus alunos, ele deve orientar e trabalhar os alunos a terem respeito, amar e conviver com as diferenças étnico-raciais.

É de grande importância mostrar-se em sala de aula, que o Brasil é um país multirracial, ou seja, com suas misturas de crenças, raças e costumes que foram moldados ao longo dos anos,

e que independente de tudo isso, temos que valorizar e respeitar a diversidade cultural de cada indivíduo, pois somos todos iguais perante a lei tendo os mesmos deveres e direitos. Dessa forma cabe ao professor a transmissão desses valores para os alunos, e assim aprender um com os outros respeitando e conhecendo suas origens e as variadas formas de vida de cada ser humano.

Mas infelizmente alguns profissionais, por falta de capacitação pedagógica, acabam não sabendo como lidar com situações que podem levar a discriminação dentro do âmbito escolar.

Segundo, Felipe e Teruya (2012) analisam em sua obra representações de professores relacionado ao racismo, e encontraram a forte presença da chamada crença na “democracia racial”, do lado positivo da miscigenação, como também no discurso que traz a relação entre o tema a questão social. Segundo os autores, tais posturas acaba obscurecendo a compreensão dos docentes para a necessidade da Lei nº 10.639/03, ainda que se não há a percepção do racismo “também não há necessidade de uma lei para combater ou questioná-lo em sala de aula”. FELIPE e TERUYA, 2012, p.211).

Sabemos que a educação nas escolas, tanto públicas como privadas, deveriam ensinar e ajudar os alunos e professores a verem como existe uma ampla variedade e riqueza de culturas, pessoas, povos e nações, dessa maneira para que possa haver uma valorização e que consequentemente haja mais respeito e democracia desmontando assim o racismo. Podemos notar que crescemos vendo nos livros didáticos que a Europa é o berço do mundo e suas culturas, mas quando começamos a estudar nossa história mais a fundo, percebemos que a África é umas das bases de toda nossa cultura, nos tornando assim descendentes dessa vasta cultura e história pertencentes a esses povos Africanos.

Vemos nas histórias infantis, princesas brancas e loiras dos olhos azuis, sendo tratadas como ricas e tendo sempre um final feliz em suas respectivas histórias, ou seja, acabam implantando diretamente e indiretamente a consciência racista. Notamos que atualmente já há uma quando inclusão de personagens negros nos contos e filmes, mas sempre havendo uma repesaria de algumas pessoas com essas modificações, por acharem que não se pode modificar algo que já foi feito, dessa maneira percebemos o racismo mascarado em nossa sociedade por não quererem uma princesa negra nas animações infantis.

Não podemos deixar de lado também que a mídia é uma poderosa propagadora e influenciadora para essa manutenção do preconceito em nossa sociedade, através de novelas, comerciais, e a própria internet que por muitos é considerada uma terra sem lei, acaba havendo muita distribuição gratuita de diversos tipos de preconceitos, incluindo o racismo, que podem contribuir para a construção do caráter das crianças. O professor necessita estar capacitado para

avaliar esses modelos presente em nosso cotidiano, para promover entre os alunos igualdade e respeito para todos.

Com a lei 10.639/03 (BRASIL, (2008), sancionada no governo do Presidente Lula, que tem como objetivo haver o reconhecimento da diversidade étnico-racial na educação e no âmbito escolar, promovendo e colaborando para acabar com o preconceito e discriminação entre negros e brancos em nossa sociedade que em diversos momentos se apresenta como democrática e justa, mas que ainda mascara o racismo ao povo negro que compõe grande parte de nossa sociedade.

Porém, leis sozinhas não bastam, nessa luta o papel do docente é fundamental. O professor deve possuir informações, formação, discernimento sensibilidade sobre a situação da realidade racial e social no país para contribuir e superação do preconceito e discriminação (BRASIL. MEC, 1997, p.4).

O âmbito escolar junto com as leis e a importantíssima participação do professor, pode fornecer um novo pensamento para o aluno, conhecendo mais sobre a história Africana e o que trouxermos como herança desse grande continente, dessa maneira combatendo pensamento preconceituosos enraizados pela própria sociedade nas crianças sobre o povo negro.

No ambiente de sala de aula, é comum ocorrer brigas entre colegas de classe, e muitas vezes são mencionadas algumas expressões de teor pejorativo como: negrinho, chocolate, cabelo de Bombril entre outros. Nessa situação a maioria dos professores não sabem agir para perante tal agressão verbal em sala de aula, e acabam ou tomando atitudes que não vão agregar nenhum tipo de conhecimentos a os alunos, ou simplesmente deixam de lado como se nada tivesse acontecido. Para que os alunos possam respeitar todo tipo de diversidade cultural na sociedade, destacamos alguns pontos que o professor pode trabalhar em sala de aula, e assim ajudar com que o docente consiga lidar com o racismo com seus respectivos alunos.

Através de todo percurso nessa seção do trabalho, propomos algumas práticas pedagógicas que possam auxiliar os professores em seu trabalho para ser trabalhada a temática dentro do âmbito escolar:

- O professor deve criar situações que desperte o interesse de sua turma, por exemplo: reúna a turma em um círculo, e comece a se apresentar falando seu nome completo, idade, filiação, e se apresentar com suas características físicas, o que gosta de fazer, quais preferencias de lazer etc. deixe com que os alunos se sintam à vontade em compartilhar essas informações com a turma.

- Trabalhar em sala de aula questões dos povos negros, fazendo com que os alunos negros se sintam a vontade em compartilhar suas histórias e crenças com o restante da turma.
- Levar para sala de aula obras ilustrativas de artistas como, Rugendas e Debret, que mostravam no período do colonialismo, como eram os penteados e cabelos negros da época, fazendo uma comparação com os dias atuais.
- Fazer visitas, se for possível, locais, casas ou museus que trabalhem a temática étnico-racial, trazendo a oportunidade de aprendizado da cultura, da democracia e etnias que ao decorrer da história formaram e ainda forma nossa sociedade brasileira.
- Organizar em sala de aula, oficinas em que a sala será dividida em grupos, onde os alunos poderão expor diversos seguimentos da cultura negra, como músicas, danças, artesanatos, vestimentas, culinária. Por meio de pesquisas bibliográficas ou de campo para a execução da atividade.
- Pedir ajuda da comunidade, como os pais, familiares e vizinhos para que alguém possa vir a aula e relatar sobre suas vivências, desafios e etapas da vida em que os alunos possam interagir fazendo perguntas a respeito. De preferências pessoas com variedades de religião, costumes e etnias.

Propostas: elaboradas pelo autor (2024).

3- PERCURSO METODOLÓGICO

Utilizamos como metodologia para a realização dessa pesquisa, uma abordagem de cunho bibliográfico e qualitativa, por se tratar de uma pesquisa para identificar as práticas pedagógicas realizadas pelos professores do 5º ano das redes pública e privada do município de Picos, situado no Estado do Piauí.

Dessa forma podemos esclarecer que a metodologia vai muito além de técnicas, podendo assim compreender as concepções teóricas de abordagem sempre se comunicando com a teoria, com a realidade empírica e pensamentos sobre a realidade (MINAYO, 2016). Então, desenvolvemos a metodologia como uma maneira de discurso que apresenta método escolhido como olhar inicial para poder haver o encaminhamento da pesquisa. (MIOTO E LIMA, 2007, p.39).

Após a discussão teórica sobre o tema em questão, esta pesquisa foi desenvolvida a partir da revisão bibliográfica através de artigos, monografias, estudos de textos, leitura de livros, pesquisas na internet entre outras formas de pesquisa. É de suma importância destacar que “uma pesquisa sem teoria corre risco de ser simples opinião pessoal sobre a realidade observada”. (MINAYO, 2016, p.19).

A pesquisa bibliográfica tem como objetivo procurar explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros. Como também, conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema (MARTINS, 2001). A pesquisa bibliográfica propõe ao pesquisador material para ser trabalhado em qualquer tipo de tema, porém, vai depender dos trabalhos já escritos e publicados referidos ao tema trabalhado.

A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chega a conclusões inovadoras. É necessário refletir sobre ela para que se possa articular e correlacionar as informações obtidas com o objeto de estudo. (FONSECA, 2012, p. 21)

A pesquisa qualitativa não tende sua inquietação para números, ou resultados numéricos, mas ela está voltada as suas preocupações para a compreensão de um grupo social, uma entidade e etc. (GERHARDT; SILVEIRA, p. 2009). Esta abordagem tem por objetivo abordar o mundo real em questão, que de certa forma possui uma relação direta com o sujeito, que acaba possuindo uma relação inseparável do “mundo objeto e a subjetividade do mundo” que acaba não podendo ser analisada ou descrita através de números. Com essa abordagem não é preciso ser feito por meio de métodos matemáticos. (PRODANOV; FREITAS, 2013).

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.32)

O pesquisador ao fazer a coleta de dados nessa abordagem, procura ser mais descritivo, fazendo uma descrição minuciosa dos elementos do tema proposto para estudo e propondo um estudo bibliográfico profundo, dessa maneira servindo de base para uma pesquisa rica em detalhes e interpretações.

Sobre o processo de pesquisa trabalhamos inicialmente com uma pesquisa bibliográfica acerca do tema proposto de teor qualitativa. E para o aprofundamento teórico da pesquisa, tendo em vista as contribuições de Silva (2012), Teixeira (2013), Brasil (2004), Kabengele e Gomes (2006), Brasil (1997), Minayo (2016), Martins e Pinto (2001), Lima e Mioto (2007), Gerhardt e Silveira (2009), Prodanov e Freitas (2013), Fonseca (2012), Cavalleiro (2006) dentre outros.

3.1 INSTRUMENTO DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa, utilizamos como instrumento para coleta de dados o questionário com perguntas abertas sobre a temática racial, buscando obter dados sobre os conhecimentos dos professores, e o combate ao racismo dentro das salas de aula, direcionados a educadores.

Segundo Gil (2009, p.121) esse tipo de instrumento tem “o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.” A escolha desse instrumento se justifica pela possibilidade das pessoas responderem as questões com certa liberdade, além de poder garantir o anonimato das respostas (GIL, 2009).

A pesquisa qualitativa detém de aspectos que lhe são característicos, dessa maneira busca responder questões privadas e obtém preocupações que estão estabelecidas em questões da realidade que não podem ser quantificadas, as pesquisas que tem sua base gerada neste método geralmente tem o seu foco no universo de motivos, significados, valores, crenças, aspirações, atitudes, são todos elementos que fazem parte de todas as relações presentes em nossa sociedade, dos processos e dos fenômenos que podem ser analisados mediante na operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002). Como já citamos, para se fazer uma análise

qualitativa são necessários muitos elementos, Gil (2002, p 133) identificamos estes elementos como:

[...] a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.

Então para que possa ser desenvolvida uma pesquisa nesta abordagem é de necessidade seguir todos esses elementos.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa teve como participantes ao todo de seis professores, sendo três pertencentes a rede pública de ensino, e os outros três exercendo na rede privada. Por haver um índice maior de ocorrências de racismo nesta série escolar, definimos que todos os professores trabalhassem no mesmo ano letivo, que seria no 5º ano do ensino fundamental. Destacamos que para preservar os nomes dos participantes foram utilizadas letras do alfabeto para referencia-los, sendo eles: A, B, C, D, E e F.

Quadro de professores participantes da pesquisa.

Participante	Instituição	Idade	Sexo	Formação	Tempo de atuação
A	privada	36 anos	feminino	Pedagogia e Letras	1 ano
B	privada	30 anos	feminino	Pedagogia	2 anos
C	privada	32 anos	masculino	Lic. Em Química	13 anos
D	pública	30 anos	masculino	Lic. Ciências Biológicas	2 anos
E	pública	30 anos	masculino	Não informado	5 anos
F	pública	37 anos	masculino	Lic. Ciências Biológicas, pós-graduação e Mestrado.	13 anos

Fonte: elaborado pelo autor (2024). Dados da pesquisa.

Os seis professores refletiram a respeito do questionário dentro da temática proposta neste estudo: Relações étnico-raciais, a elaboração de práticas pedagógicas no combate a discriminação racial nas escolas.

4- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, iremos abordar a exposição dos resultados produzidos a partir da aplicação dos dados obtidos através do questionário. Para prosseguirmos com esta análise, trazemos os escritos dos professores que foram propostas nas seguintes questões apresentadas:

Pergunta 01: O que você entende sobre racismo?

PARTICIPANTE	RESPOSTA
A	Situação em que se menospreza alguém pela cor da pele.
B	Refere-se ao preconceito ou discriminação entre pessoas por conta da cor da pele ou etnia.
C	É o preconceito de pessoas a partir do tom de pele.
D	O racismo se baseia na discriminação entre as pessoas, seja racial, de gênero ou mesmo classe social.
E	Racismo consiste no preconceito e na discriminação com base em percepções sociais baseadas em diferenças biológicas entre pessoas e povos.
F	Exclusão de pessoas baseado na cor da pele.

Fonte: elaborado pelo autor (2024). Dados da pesquisa.

Diante das respostas obtidas na pergunta 1, notamos que os professores tratam o racismo como apenas a discriminação em relação a cor da pele, mas, trazemos um destaque para os professores B, D e E que tiveram uma colocação mais detalhada sobre a conceituação do racismo.

Isso acaba se tornando algo comum em nossa sociedade, do racismo ser algo somente voltado para a cor da pele, dessa maneira acaba tornando-se o conceito em apenas um aspecto a ser debatido, sendo que o racismo é algo como já citamos ao decorrer do trabalho, que abrange várias vertentes presentes em nossa sociedade como, aspectos físicos, crenças, costumes, culturas, religiões e vestimentas.

A discriminação racial opera, na nossa sociedade, como um processo que acarreta inúmeras desvantagens para o grupo negro e para toda a sociedade brasileira, direta ou indiretamente. Compreende-se que o reconhecimento positivo das diferenças étnicas devem ser proporcionado desde os primeiros anos de vida. Para tornar a pré-escola um espaço positivo ao entendimento das diferentes etnias, é necessário observarmos o processo de socialização atualmente desenvolvido no espaço escolar, que conforme demonstrado por diversos estudos e pesquisas parece ignorar essa questão. Contudo, a educação infantil não pode esquivar-se do dever de preparar o indivíduo para a existência das diferenças étnicas, já que ela, inevitavelmente, permeará a sua relação com os demais cidadãos. (CAVALLEIRO, 2006 p. 26)

Como citado por Cavalleiro (2006), essa discriminação é acarretada de maneira direta e indireta em nossa sociedade, sendo que racismo não é somente colocado em um fator determinante, mas em diversas questões. Como já relatado, o Brasil é um país com uma ampla diversidade cultural, por conta desse fator há a grande probabilidade de haver diversos tipos de racismo em nossa sociedade, dessa maneira percebemos que em grande parte por haver apenas essa visão singular referente ao tema, acabamos deixando de lado outros aspectos que não se resume apenas a cor da pele de um povo, mas um amplo leque cultural predominante.

Aspectos como, variedades físicas corporais, tipos de cabelos, das músicas ou danças, posição social, personalidade ou caráter, do modo de se vestir, na filosofia, dos gestos culinários, da variedade religiosa entre outros, são pontos que também devem ser observados quando tratamos de conceituar o racismo presente em nossa sociedade.

É de grande importância que os docentes saibam o que realmente é o racismo, vista que é a base para o seu combate, pois sem tais conhecimentos básicos da temática racial, acaba tornando-se difícil para os professores identificar a prática da discriminação racial no espaço escolar. Conforme Gomes (2005) é necessário o professor saber a definição do que é racismo, discriminação racial e preconceitos, pois todos esses conhecimentos são relevantes para que os mesmos consigam detectar qualquer tipo de prática racista no âmbito escolar.

Na sequência, trazemos a apresentação do debate da questão 02.

Pergunta 02: Na sua vida acadêmica, já estudou sobre a temática racial? Comente.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
A	Não me recordo.
B	Sim, não lembro bem como foi a abordagem, mas lembro que houve uma disciplina específica que abordou essa questão, com debates em grupo.
C	Sim, porém a temática foi muito pouco abordada na minha vida acadêmica.

D	Não, seria muito interessante e importante se essa temática fosse incentivada na grade curricular de todos os cursos.
E	Sim, a literatura brasileira e portuguesa proporciona estudos sobre a temática.
F	Não estudamos, nem mesmo sobre qualquer forma de preconceito.

Fonte: elaborado pelo autor (2024). Dados da pesquisa.

De acordo com as respostas obtidas na análise da questão 2, podemos notar que os professores A, D e F nunca tiveram o contado em toda sua trajetória acadêmica, alguma disciplina ou abordagem que trabalhasse com a temática racial ou qualquer outro tipo de discriminação. Com isso podemos afirmar como é escasso o trabalho pedagógico envolvendo a temática racial na grade curricular de universidades e escolas. A escola tem como seu principal objetivo a formação do indivíduo livre de qualquer tipo de preconceito. Silva (2010).

Notamos também que o livro didático contribui para a manutenção do menosprezo ao negro, ao relatar a postura heroica e vencedora dos brancos, e quase sempre, os negros como escravos e vencidos perante a sociedade. Para notar a discriminação presente nos livros didáticos é preciso um pouco de atenção, ou seja, “ler nas entrelinhas”. A maioria dos professores acabam não percebendo a influência negativa que tais livros excludentes e preconceituosos, podem trazer para a autoestima da criança negra.

Pessanha (2003) relata que as informações, mensagens e ideologias que são tratadas nos textos presentes nos livros, faz com que fiquemos atentos e cuidadosos ao incluirmos nos planejamentos obras de autores que problematizem e apresentem questões de discriminação racial através de contos, histórias, canções e crônicas. Os livros estão cheios de personagens que de certa forma, estigmatizam e estereotipam os negros.

O docente E relata em sua resposta que a literatura brasileira e portuguesa proporciona estudos sobre a temática em questão, mas será se realmente há uma boa abrangência de fatos que não acabe desvalorizando o povo negro nesses livros? O Professor deve mudar esses paradigmas da literatura, selecionando livros que valorizem a beleza do negro, suas capacidades e qualidades, e dessa maneira resgatando a dignidade das diversas etnias africanas.

As imagens das narrativas literárias, quando utilizadas adequadamente, longe de uma visão etnocêntrica, branqueadora, a qual é quebrada nessas obras, oferece ao leitor apresentações positivas do negro, do descendente de africanos, possibilitando ao branco uma reeducação quando a visão estereotipada do negro, e a esta elevação da autoestima e resgate de sua cultura. (SOUSA, 2001, p. 211-212).

Já podemos notar que os professores B, C e E tiveram algum tipo de contato em suas respectivas trajetórias acadêmicas. O professor B relata que teve contato com uma disciplina específica que abordava a temática racial com debates em grupo, trabalhando dessa forma diversos tipos de debates democráticos voltados para a construção do caráter antirracista da comunidade escolar. “A construção de práticas democráticas e não preconceituosas requer o reconhecimento do direito as diferenças. E isso também inclui as diferenças raciais. Aí sim, estaremos articulando cidadania, educação e raça”. (GOMES, 2001, p. 87).

Porém, o docente C complementa sua afirmação relatando que a temática foi muito pouco abordada em toda sua vida acadêmica, nos remetendo que os professores, ou até mesmo a própria escola só acaba tomando medidas quando algo acontece para que não haja uma ridicularização da imagem da escola perante a sociedade.

Na sequência, apresentamos o debate da questão 03.

Pergunta 03: Já presenciou algum tipo de discriminação racial na sala de aula em que você trabalha? Como você se posicionou?

PARTICIPANTE	RESPOSTA
A	Sim, já presenciei. Sempre tomo a frente e converso a respeito, deixando claro que somos iguais independentes da cor da pele, raça, religião etc.
B	Não.
C	Sim, a intervenção nesse tipo de situação é muito delicada, desde a conversa com a pessoa atingida e com a pessoa que proferiu as palavras racistas, mas a principal abordagem no âmbito escolar é a conversa.
D	Nunca presenciei.
E	Não.
F	Sim, reprovei explicitamente a atitude racista e fiz uma reflexão sobre o valor humano e sobre possíveis problemas que ações racistas poderiam desencadear na vida da vítima.

Fonte: elaborado pelo autor (2024). Dados da pesquisa.

É possível observar nas respostas dos professores B, D e E que nunca presenciaram algum tipo de discriminação racial dentro do ambiente da sala de aula. Mas sabemos que em nossa sociedade o racismo está de certa forma camuflado em diversos aspectos de nosso

cotidiano, pois até pouco tempo atrás piadinhas ofensivas de cunho racista eram levadas na esportiva, tirando qualquer credibilidade da população negra de se defender perante as injúrias cometidas pelas pessoas. “De tanto inferiorizar as pessoas negras com apelidos, ‘piadinhas’ e gracejos, todo mundo passa a achar que isso é engraçado, louvável e quem se indigna é neurótico. (SILVA, 2001, p. 77). Essas atitudes se tornaram tão corriqueiras, que acabaram tornando-se algo normal na cultura brasileira, e dessa maneira consequentemente acaba passando por olhos e ouvidos menos atentos dos docentes no âmbito educacional.

Em contrapartida os docentes A, C e F já presenciaram alguma discriminação racial dentro de sala de aula. Todos eles tiveram a postura de repressão imediata perante ao caso de racismo, tomando atitudes reflexivas com a turma sobre o que o racismo pode ocasionar nas pessoas agredidas, e como isso afeta em diversos pontos a vida da vítima. Mas podemos notar que o professor C agregou algo a mais em sua represália perante ao ato discriminatório.

Por ser uma situação delicada, procedeu com sua atitude exemplar em chamar ambas as partes envolvidas, tanto a vítima como os alunos que proferiram as palavras racistas, para uma conversa a respeito, trabalhando ambos os lados.

No que diz respeito ao comportamento do professor em relação a esses conflitos, o dramático depoimento da menina Catarina (negra) é bastante elucidativo. Segundo ela, as crianças a xingam “... de preta que não toma banho. Só porque eu sou preta eles falam que não tomo banho. Ficam me xingando de preta cor de carvão. Ela me xingou de preta fedida. Eu contei para a professora e ela não fez nada”. (CAVALLEIRO, 2006, P. 52).

Esse é um relato de uma garotinha feito pela a autora ao questioná-la sobre os xingamentos proferidos pela turma. Uma das grandes preocupações relatadas pela autora no que se diz respeito a autoestima da criança negra, e que em grande parte tais situações envolvendo racismo acontecem perante a presença do próprio professor, mantendo uma postura neutra e não interferindo na situação, tornando-o conivente com tudo isso, dessa forma influenciando em uma imagem negativa e inferiorizada da criança negra que faz de si própria.

É de grande importância que o professor exerça uma postura determinante diante de casos de racismo e discriminação racial com seus alunos, para que haja uma proposta pedagógica efetiva, o docente deve trabalhar o diálogo com sua turma, explorando todos os pontos de vista presentes na situação, como realizado pelo professor C diante ao ato discriminatório em sua sala de aula, dessa maneira descartando qualquer tipo de inferioridade do indivíduo agredido na situação.

A seguir, discutimos a questão 04.

Pergunta 04: Na sua opinião, as atitudes do professor influenciam na ocorrência de discriminação racial em sala de aula? Descreva.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
A	Com certeza, sim. Pois somos exemplos, eles nos copiam e quando agimos de forma diferente, eles nos cobram e nos julgam. Então, tenho que ter um comportamento acolhedor para que eles entendam que não temos diferenças.
B	Não entendi a pergunta em questão. A postura do professor em sala é que define, de certo modo, como os alunos irão se comportar na convivência uns com os outros, mas, claro que o professor não tem controle de tudo o tempo todo em sua sala de aula.
C	Sim, o professor como formador de opinião tem toda uma responsabilidade e deve principalmente demonstrar como agir em determinadas situações.
D	Acredito que não.
E	Não.
F	Sim, pois, o professor é formador de opinião, podendo então influenciar na ocorrência de discriminação racial. Sobre conhecer algum caso de racismo cometido por docente não é de meu saber, mas outras formas de discriminação já presenciei.

Fonte: elaborado pelo autor (2024). Dados da pesquisa.

Podemos observar que exceto os docentes D e E acreditam que as atitudes do professor não influenciam na ocorrência de discriminação racial em sala de aula. Sabemos que as crianças chegam à escola com sua bagagem de vivências repassadas pelos familiares e comunidade, trazendo consigo questões que inevitavelmente estão enraizadas pela educação dada pelos próprios pais e responsáveis.

Diante disso, atos discriminatórios são recorrentes em nosso meio, mesmo o docente não tendo 100% de controle de sua turma, como relatado pelo professor B, não podemos deixar escapar questões tão importantes como o racismo e outros tipos de discriminação em nossas salas de aula. Essa reação que parte dos professores D e E acaba tornando-se um fator agravante para tais questões sobre preconceito na sala de aula, tornando-se um crime banalizado e comum

no cotidiano. Para Cavalleiro (2006) o silêncio do professor auxilia em novas ocorrências de ações discriminatórias e preconceituosas no espaço escolar, e dessa forma posteriormente em outros espaços sociais.

Observamos que os professores A, C e F enfatizam que o docente por ser uma figura geradora de opinião, acaba estimulando o comportamento de sua respectiva turma. É necessário que haja uma intervenção do professor, trazendo consigo informações positivas a respeito das características raciais de cada grupo, sempre buscar enfatizar sobre a miscigenação presente em nossa sociedade, trabalhando e transmitindo valores com respeito para que não haja o racismo recorrente dentro do espaço escolar. Segundo Silva (2007):

(...) o processo de educar as relações entre pessoas de diferentes grupos étnico-raciais tem início com mudanças no modo de se dirigirem umas as outras, a fim de que desde logo se rompam com sentimentos de inferioridade e superioridade, se desconsiderem julgamentos fundamentados em preconceitos, deixem de se aceitar posições hierárquicas forjadas em desigualdades raciais e sociais (SILVA, 2007, p. 490).

Desde cedo nesse sentido, as pessoas precisam ser ensinadas a não terem um complexo de inferioridade consigo mesmo, ou superior a qualquer outro indivíduo, dessa forma, para que assim haja o certo valor e respeito mútuo entre os grupos étnico-raciais, se faz necessário os ensinamentos que fazem parte do processo de educar, e que parta essa responsabilidade não apenas dos pais ou responsáveis, mas como também dos professores.

Podemos afirmar que o educador tem sua figura de grande impacto perante seus alunos, pois trata-se de uma posição a qual torne-se de exemplo para todos, se o professor manter seu perfil neutro a certas problemáticas em sala de aula, acaba tornando-se conivente com as situações de racismo dentro do espaço escolar.

Na sequência, trazemos o debate da questão 05.

Pergunta 05: Você aborda a temática racial em seus planejamentos? Comente.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
A	Sim, é muito importante falar a respeito, então no dia a dia, aproveito as situações e até mesmo os conteúdos para abordar o tema.
B	Consigo abordar essa temática na minha disciplina de filosofia a qual ministro, pois aborda sobre vários assuntos do cotidiano dos alunos.

C	Nem sempre a temática é abordada.
D	Não.
E	Sim. Procuro falar sobre a temática dentro dos conteúdos escolares.
F	Como planejamento não, apenas sob iminentes ocorrências.

Fonte: elaborado pelo autor (2024). Dados da pesquisa.

Podemos observar nas respostas da questão 5, que os professores A, B e E conseguem abordar a temática racial trabalhando em seus planejamentos. Notamos que os professores A e E tentam implementar o tema em diversos conteúdos que são obrigatórios na grade escolar, encaixando dentro do conteúdo proposto, sendo que grande parte detém de uma certa dificuldade em que os educadores encontram na implementação de alguns assuntos do cotidiano que não fazem parte do currículo proposto nas disciplinas em geral.

Destacamos que a omissão de determinadas informações a respeito da diversidade racial na escola pode ser representada para a criança branca uma certa ilusão de pertencimento a uma classe superior, pois geralmente o acesso que a criança possui para ter alguma informação e se espelhar em algo vem da mídia, vizinhos, amigos ou até mesmo a família que já estão contaminados pelo pensamento da “superioridade branca” acarretando assim o acúmulo do preconceito e racismo contra a raça negra.

Mesmo com a lei 10.639/2003 implementada para incluir no currículo a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” na rede de ensino, notamos que o tema é pouco, ou nem ao menos trabalhado dentro de sala de aula, como podemos observar nas respostas dos professores C, D e E.

Podemos relatar também, a existência da Lei 11. 645/2008, que veio posteriormente a lei 10.639/2003, tendo como seu objetivo em ter a obrigatoriedade do estudo da história e cultura não só afro-brasileira, mas também indígena nas escolas públicas e privadas, dessa maneira uma complementando a outra na LDB. A Lei 11. 645/2008 com referência ao artigo 1º se faz saber:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, público e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena

brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes a história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileira.” (BRASIL, Lei 11.645/2008).

Através desse documento podemos afirmar, que é dever do educador buscar ferramentas que possam trabalhar a temática racial dentro de seus respectivos planejamentos, buscando explorar da melhor forma possível, dentro dos conteúdos e disciplinas propostos na grade curricular de cada ano letivo.

Entretanto, há professores que se manifestam diante disso, relatando que não tem como trabalhar uma temática racial dentro de disciplinas específicas como Matemática, Física, Química entre outras, por ser áreas de difícil colocação de tais assuntos. Porém, como observamos na resposta do docente B, relata que consegue trabalhar junto com os alunos a temática racial por ser professor de Filosofia, e ter essa maior flexibilidade por se tratar de uma área de conhecimento que aborda diversos assuntos do cotidiano. De acordo com Melo (2016).

As formas de avaliação, os livros didáticos, os conteúdos, a metodologia e a prática pedagógica têm contribuído para que os estudantes negros no ensino básico tenham um autoconceito negativo e isso interfere nas mais diversas formas no seu desempenho na escola. Na escola, os currículos mantêm os negros à margem da História, como se fossem invisíveis e não tivessem contribuído para a formação política, social e econômica do Brasil. (MELO, 2016, p.05).

Portanto, podemos entender que os professores por acharem que algumas áreas não são possíveis de serem trabalhadas a temática racial, acabam deixando de lado tais problemáticas e só tomando alguma atitude perante ao racismo, quando ocorre algum tipo de preconceito dentro do espaço da sala de aula, como relatado pelo professor F.

Contudo, o professor não deve apenas deixar-se levar por não haver espaço em determinadas disciplinas na grade curricular, e se abster em trabalhar as relações étnico-raciais com seus alunos, mesmo com o seu conteúdo não condizendo 100% com a temática, ele deve buscar meios que introduza a discussão dentro dos conteúdos propostos.

A seguir, apresentamos a questão 06.

Pergunta 06: Você realiza (ou já realizou) alguma intervenção diante dos casos de discriminação racial em sala de aula? Como procedeu?

PARTICIPANTE	RESPOSTA
A	Sim, chamo a vítima em particular, acolho e deixo claro que ele não é diferente dos outros, depois de forma geral, converso com a turma deixando claro o quão negativo é menosprezar alguém pela sua cor de pele ou raça. Deixo claro que temos os mesmos direitos.
B	Sim, intervimos com os alunos em geral com rodas de conversa, dinâmicas para melhor convivência durante o ano letivo, e especificamente conversamos com os alunos envolvidos.
C	Sim, a conversa é o principal tipo de abordagem a ser feita e deve ser comunicada a os coordenadores e diretores.
D	Não.
E	Não houve.
F	A intervenção foi de caráter pontual, baseada em conversas informais e reflexões conforme dito na 3ª questão.

Fonte: elaborado pelo autor (2024). Dados da pesquisa.

Podemos observar as respostas da questão 6, que os professores A, B, C e F já realizaram junto com suas respectivas turmas algum tipo de intervenção sobre discriminação racial. Notamos que o professor A teve seu diferencial em tomar a atitude de chamar a vítima em particular acolhendo e deixando claro que não ele não é diferente dos outros. Isso acaba sendo um fator determinante na intervenção do racismo em sala de aula, pois em geral as vítimas se sentem acuadas perante a os agressores e demais colegas de classe, contribuindo dessa forma para o agravamento da situação e gerando diversos fatores como falta de sociabilidade, timidez, mal desempenho escolar, doenças psicológicas e a própria evasão da escola.

Para Kabengele Munanga (2005), o racismo de certa maneira está extremamente incorporado no tecido social, como também na cultura de toda sociedade brasileira, evidenciando a existência de uma relação entre o racismo e a evasão escolar. Podemos comprovar essa questão ao analisar os índices de escolarização da população negra no país, que são cada vez mais precárias em relação à população branca.

Nessa linha os brancos conseguem se destacar mais do que os negros por diversos fatores que corroboram para o crescimento do racismo em todos os meios sociais, como a dificuldade que os negros têm para ter um determinado acesso nas áreas de saúde e mercado de trabalho, são os resultados da baixa escolarização desse povo no Brasil.

Os negros brasileiros têm feito pouco progresso na conquista de profissões de maior prestígio social, no estabelecimento de seus próprios negócios e na ocupação de posições de poder político. Eles ainda concentram em atividades manuais que exigem pouca qualificação e escolarização formal (HENRIGER, apud Munanga 2002, p. 61).

Existem diversos fatores que contribuem para a evasão da escola além do racismo, exemplos como, acesso até a escola, condições financeiras, drogas, gravidez na adolescência entre outros.

Podemos observar no relato do professor C, que além de tomar sua atitude perante ao ato discriminatório, ele exclama o dever de informar a os coordenadores e diretores da instituição de ensino. A partir dessa visão, observamos que é de grande importância a necessidade de que a gestão escolar assuma um papel de força motriz para que ocorra todas essas ações afirmativas em busca de equivalência social, construindo uma reparação de uma maneira mais ampla, uma vez que a figura de um gestor em uma liderança de uma instituição, pode valorizar tais implementações ou também podendo considerá-las desnecessárias a partir de uma convicção pessoal.

É precioso que o líder entenda que é o representante maior da atividade-meio (a gestão), ou seja, aquela que deve oferecer sustentação a atividade-fim (ensino e aprendizagem), sem a qual não seria possível garantir o acesso de todos as aprendizagens na escola (LIMA, 2011, p. 3).

Portanto é indispensável o envolvimento da gestão escolar nesse trabalho pedagógico que se faz respeito ao combate à discriminação racial nas escolas. Percebemos que o professor B explora diversas propostas pedagógicas como, rodas de conversas e dinâmicas para melhorar as vivências ao decorrer do ano letivo, dessa maneira trabalha a sociabilidade da turma que pode ser um fator positivo para auxiliar na solução de algum problema que possa ocorrer futuramente.

Já os docentes D e E nunca realizaram nenhum tipo de intervenção, por nunca ter ocorrido qualquer ato discriminatório dentro da sala de aula. Mas sabemos que não é preciso esperar que ocorra algo para ser feita alguma coisa a respeito, pois o professor deve procurar sempre estar um passo a frente em relação a seus alunos, pois quando acontecer qualquer tipo

de discriminação dentro do âmbito escolar, ele junto a seus alunos estarem preparados para enfrentar o problema.

Apresentamos o debate com os dados relatados na questão 07.

Pergunta 07: Você como professor (a) se sente preparado (a) para prevenir ou discutir possíveis situações de racismo entre seus alunos? Justifique.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
A	Sim, afinal somos preparados para abordar o assunto e como professora me sinto na responsabilidade de preservar a criança e acolher sempre.
B	Enquanto profissionais que lidam com pessoas de diferentes raças, nós devemos estar sempre prontos para intervir ou abordar com a classe escolar essa questão do racismo, de acordo com as situações que surgem.
C	Sim, apesar de pouca formação acadêmica nesse tema, a leitura nos traz bastante informação e credito que todo professor tem essa obrigação.
D	Acredito que sim, busco me informar sobre o assunto e, sempre que possível proponho rodas de conversa em classe.
E	Sim, dentro de uma formação pedagógica, a temática é abordada na maioria dos casos.
F	Considero que sim, pois parto do princípio que trabalhar de forma paralela o respeito ao próximo, a valorização a vida, o repúdio ao bullying desfaz arguições que possibilitam quaisquer tipos de preconceitos, inclusive o racial.

Fonte: elaborado pelo autor (2024). Dados da pesquisa.

Observamos nas respostas da questão 7, que é uma unanimidade entre todos os professores a questão de se sentirem preparados para prevenir ou discutir possíveis situações de racismo envolvendo seus alunos.

O docente A relata que todos os professores são preparados para abordar o assunto, em contrapartida o professor C diz que mesmo com pouca formação acadêmica no assunto, busca meios como a leitura para buscar informações a respeito da temática. Mas será mesmo que

todos os professores são capacitados desde sua formação acadêmica para o enfrentamento de tais problemáticas?

Ao longo de nossa trajetória acadêmica, apenas tivemos contato com a temática das relações étnico-raciais através de uma disciplina, que nem ao menos estava na grade curricular obrigatória do curso de Pedagogia, por ser optativa. Percebemos que seria um assunto de suma importância para ser questionado ao decorrer do curso, pois nos ajudaria bastante em alguma ocorrência que possivelmente poderia vir a acontecer, quando de fato comesse a desempenhar minha profissão. Este ponto nos faz questionar a resposta do professor E, afirmando que dentro de uma formação pedagógica, atemática é abordada na maioria dos casos.

Os professores precisam ter a compreensão que o debate sobre a desigualdade racial tem como objetivo desestruturar o racismo, e não acrescentar “facilidades” para o povo negro. Dessa forma, os cursos de magistério, pedagogia, superior e as licenciaturas tem a obrigatoriedade de rever seu currículo com base nas diretrizes para o ensino da cultura e história afro-brasileira, dessa forma aprofundando mais os debates que possibilitam uma atitude oposta ao racismo, que porventura, está inserido entre os alunos que poderão ser futuros professores.

Neste contexto, Pinto (1999), em artigo que foi publicado anteriormente a Lei 10.639/03, já citava a grande ausência dos estudos das relações raciais em diversos artigos que abordavam a formação e atuação do professor. De acordo com a autora:

O grande desafio não é só formar um professor que domine o conteúdo, mas a metodologia que irá possibilitar um melhor aproveitamento desses alunos que, com o processo de democratização da educação, passaram a constituir uma parcela considerável da clientela da escola pública. Concomitantemente, e como decorrência da necessidade de transmitir de modo eficiente os conteúdos escolares, há uma preocupação com a maneira pela qual o professor percebe esse aluno. No contexto dessas reflexões, os assuntos que dizem respeito a diversidade étnico-racial em geral e do alunado, em particular, são praticamente ignorados, a despeito dos estudos que articulam relações raciais e educação já há algum tempo virem denunciando o despreparo do professor para lidar com situações que ocorrem em razão dessa diversidade. Cabe indagar, portanto, até que ponto essa dificuldade de ver e de posicionar. Perante as diferenças étnico-raciais está relacionada com a formação que os cursos de magistério proporcionam ao futuro professor (PINTO, 1999, p.207).

Observamos que apenas o professor D relata que propõe a realização de diferentes meios de intervenção para trabalhar as relações étnico-raciais e o combate ao racismo com seus alunos, por meio de roda de conversas e debates a respeito do mesmo. Isso acaba sendo um ponto positivo a esse docente, podendo explorar as diversas formas de visões e opiniões que seus alunos têm a respeito sobre o racismo, dessa maneira trabalhar a sociabilidade, conhecimentos, democracia e deveres para com a sociedade, e construir cidadãos dignos que repudiam qualquer tipo de discriminação racial ao longo de suas vidas.

Para encerrar, trazemos o debate com a questão 08.

Pergunta 08: Você já presenciou algum trabalho de intervenção da escola a qual trabalha, envolvendo o racismo? Comente a respeito.

PARTICIPANTE	RESPOSTA
A	Sim, palestras e projetos sobre o assunto sempre são realizados.
B	A escola faz essa abordagem com os alunos em sala de aula, de acordo com a realidade e situações vivenciadas em sala de aula.
C	Sim, todos os anos professores de outras matérias trabalham esse tema, com pesquisa e debate.
D	Não.
E	Não.
F	O preconceito em geral, inclusive o racismo. O projeto sensibilizou professores e alunos a ter uma postura de respeito e reconhecimento que todos são iguais.

Fonte: elaborado pelo autor (2024). Dados da pesquisa.

Observamos nas respostas obtidas na questão 8, que as escolas dos docentes A, C e F são trabalhadas diversas propostas em relação as questões envolvendo o racismo. O professor A relata que são realizadas tanto palestras quanto projetos sobre o assunto em seu planejamento. Já o docente F afirma que são realizados projetos que não aborda apenas racismo, mas os diversos tipos de preconceitos existentes na sociedade.

Sabemos que grande parte das escolas públicas e privadas acabam deixando de lado temas que não fazem parte de seu planejamento embasado pelo currículo escolar. Assuntos recorrentes do cotidiano como o racismo, não são trabalhados e implementados nos projetos educacionais que são propostos todos os anos nas escolas.

Pedagogias de combate ao racismo e as discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico-raciais positivas tem como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras. Também farão parte de um processo de reconhecimento, por parte do Estado, da sociedade e da escola, da dívida social que tem em relação ao segmento negro da população, possibilitando uma tomada de posição explícita contra o racismo e a discriminação

racial e a construção de ações afirmativas nos diferentes níveis de ensino educação brasileira. (BRASIL, 2005, p. 21).

Podemos considerar que práticas pedagógicas a qual as escolas realizam sem ao menos haver uma contextualização referente ao tema, como exemplo o Dia Nacional da Consciência Negra, nos faz a reflexão de como as instituições de ensino tratam essa data tão importante, como apenas um mero dia para momentos de confecção de trabalhos isolados, que acabam sendo descomprometidos com seu verdadeiro significado. De fato, que diversas datas comemorativas, não só essa, somente são trabalhadas em um dia específico do ano e depois serem esquecidas, nos mostra como há uma urgência para que ocorra uma reestruturação nos planejamentos pedagógicos de ensino das escolas.

Consequentemente podemos notar que os professores D e E relatam que suas respectivas escolas não realizam nenhum trabalho de intervenção referente ao tema. Isso nos mostra que muitos gestores e educadores de instituições de ensino, acabam recorrendo a essas datas apenas em algum momento isolado, tratando-a somente como uma data comemorativa, comparando-a, e até mesmo colocado inferior as datas comerciais como, páscoa e dia das crianças.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos para a elaboração da pesquisa proposta, foi possível visualizar que a questão do racismo se trata de um conceito histórico tendo os negros escravizados como o público principal a ser afetado até os dias atuais. É inegável que o grande movimento negro na realidade se trata de uma luta que ainda percorre a história até os dias de hoje.

Um ponto de grande relevância é como o racismo se manifesta no Brasil a partir de tudo o que foi falado sobre conceitos dos autores trabalhados nesta pesquisa. Observamos que a prática do racismo na educação se apresenta de forma oculta, pois notamos que afeta diversas pessoas, e acaba tornando-se um racismo estrutural em que práticas sociais são colocadas como quesito de uma falsa democracia racial. Considerando é claro, a evidente a desvalorização desse povo e as diferenças de oportunidades e tratamento que ainda hoje enfrentamos em nossa sociedade brasileira em relação as pessoas negras.

Entretanto, podemos observar que o racismo na educação se apresenta de maneira estrutural, pois de forma implícita está presente em nosso cotidiano, mas que acabamos vendando nossos próprios olhos e das pessoas ao nosso redor, assim se tornando algo obsoleto sem a menor importância a ser questionada ou debatida no âmbito educacional. Tais manifestações implícitas se manifestam a partir de práticas do docente em relação ao aluno negro, ou de alunos para com os colegas, dessa maneira observamos que tais situações podem ser evitadas se forem colocadas práticas pedagógicas voltadas para o ensino antirracista dentro do âmbito educacional.

Estamos de acordo que as práticas com a temática antirracista, tem como base diversas ações que buscam a valorização humana, sem ter quaisquer tipos de supervalorização ou desvalorização por conta da cor da pele, crenças, costumes, culturas, ou seja, qualquer parâmetro entre esses elementos citados não deve ser requisito para a aquisição ou alienação de nada. O que se espera de uma educação antirracista, seria aquela que possa garantir uma educação de qualidade para todos os indivíduos, que enfatize sempre a história da descendência africana, sem camuflar a luta e a riqueza consistente nesse povo para toda a formação do nosso país. A luta contra o racismo não se trata de lutar contra a raça branca, mas sim travar tal luta contra o sistema que sempre insiste em oportunizar determinado grupo social sobre o outro.

Podemos afirmar que, o papel do professor é de grande importância para que isso aconteça em nossa sociedade, pois percebemos que as crianças entram na escola com alguma perspectiva de vida consigo, mas o educador tem um papel de grande relevância em trabalhar conceitos que acabam não sendo transmitidos por outras instituições na sociedade. Questões étnico-raciais é um assunto que não se trata de algo como, não ser um indivíduo racista, mas

algo que abrange muito mais que isso, como a história de lutas e conquistas de um povo que sempre esteve a margem da nossa sociedade. Assim, apreende-se que é necessário práticas pedagógicas antirracistas propostas para a formação dos docentes, e apresentadas para os discentes no âmbito educacional.

Ademias, podemos destacar que foram atingidos os objetivos tanto geral como específicos desta pesquisa, ao decorrer de todo o seu percurso. Este estudo servirá como fonte de conhecimento para outras pesquisas se aprofundarem melhor na temática das relações étnico-raciais para uma construção de uma educação antirracista.

Para esses pesquisadores o trabalho agregou a grande importância dessa temática a ser trabalhada dentro das salas de aulas no ensino fundamental, pois, por se tratar de uma problemática que vem enraizada na cabeça das pessoas já a muito tempo, deve ser colocadas em pauta dentro do âmbito escolar, tanto na formação docente dos educadores, como também ser dada a devida importância da problemática para ser trabalhada e debatida em conjunto ao currículo escolar, assim garantindo uma formação de cidadãos que sejam capazes de passarem por cima do preconceito enraizado em nossa sociedade.

6 - REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação/Secad. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. Brasília, DF, junho de 2005.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações e Ações para a Educação das**
- BRASIL. MEC, **Contribuições para Implementação da Lei 10.639/2003**, 2008.
- BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília:MEC,1997
- BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana.
Brasília: MEC/SECAD/SEPPIR /INEP, 2004.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na escola infantil**. São Paulo: Contexto, 2006. 35, n. 2, p.208-216.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.
- FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Tereza Kazuko. Ações afirmativas na educação brasileira. In: COSTA, Luciano Gonsalves (org.). **História e cultura afro-brasileira: subsídios para a prática da educação sobre as relações étnico-raciais**. Maringá: Eduem, 2010. Cap. 3. p. 55-66.
- FELIPE, Delton Aparecido. TERUYA, Teresa Kazuko. Narrativas de docentes sobre a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. Educação. Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 208-216, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/11634/8026> Acesso em 03-janeiro-2024.
- FONSECA, REGINA Célia Veiga da. Metodologia do trabalho científico. **IESDE Brasil S.A.** Curitiba-PR. 1 ed. 2012.
- GABRIEL O Pensador. Lavagem cerebral. Disponível em: <http://letra.mus.br/gabriel-pensador/137000/> Acesso em: 05 de janeiro de 2024.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. -São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº .10.639/03** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 39-62, 2005.
- KABENGELE, Munanga; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006

LIMA, Erisevelton Silva. **O diretor e as avaliações praticadas na escola**. Editora Kiron, Brasília-DF, 2011. (p.51-55)

LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Ver. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. P. 37-45 2007

Maringá: Eduem, 2010. Cap. 12. p. 141-157.

MARTINS, G.A. & PINTO, R.L **Manual para elaboração de trabalho acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

MELO, Thiago da Silva. **Formação docente na diversidade étnico-racial**. Caderno Inter saberes/ vol. 5, n.6, p.8-25/ jan. Dez. /2016/ ISSN 2317 – 692x.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. IN: Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Maria Cecília de Souza Minayo (org.); Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. (Serie Manuais Acadêmicos).

PESSANHA, Márcia Maria de Jesus. O negro na confluência da educação e da literatura. In: OLIVEIRA, Iolanda de. **Relações Raciais e Educação: novos desafios**. Coleção Política da Cor. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PINTO, R. P. **diferenças étnico-raciais e formação do professor**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 108, p.199-231, nov. 1999.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: método e técnica da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROUSSEAU Jean-Jacques. – **Obras**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo: Globo, 1958.

SILVA, Maria Aparecida. Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

SILVA, Ana Lúcia da. Ensino de história, a África e a cultura afro-brasileira na educação básica: diálogos possíveis. In: COSTA, Luciano Gonsalves (org.). História e cultura afro-brasileira: subsídios para a prática da educação sobre as relações

SILVA, Tássia Fernanda de Oliveira. LEI 10.639/03: **Por uma Educação Antirracismo no Brasil**. Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura., Itabaiana, v. 16, n., p. 103-116, 2012.

SOUSA, Andréia Lisboa. Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

TEIXEIRA, Albano Luiz Francisco. **Um breve histórico da educação brasileira:** sob o signo da precariedade. Encontros, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 6076, 2013.

VEIGA, Cynthia Greive. **Escola pública para os negros e os pobres no Brasil:** uma invenção imperial. Revista Brasileira de Educação, [S.L.], v. 13, n. 39, p. 502-516, dez. 2008. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s141324782008000300007>

VERGULINO, Ana Rosa et.al. Relações étnico-raciais no espaço escolar. **Revista Interação** v. 1, 2, 2012. Disponível em;< <http://www.portalamericas.edu.br/revista/pdf/ed12/artigo1.pdf>> Acesso em 05-jan-2024.

ANEXOS



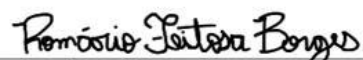
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, ROMÁRIO FEITOSA BORGES, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação ABORDAGEM DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: QUAL O PAPEL DO PROFESSOR?, de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 28 de MARÇO de 2025.


ROMÁRIO FEITOSA BORGES.

Documento assinado digitalmente
gov.br ANTONIA REGINA DOS SANTOS ABREU ALVES
Data: 04/04/2025 11:38:16-0300
Verifique em <https://validar.itb.gov.br>

Prof.^a Dra. Antônia Regina dos Santos Abreu Alves.